

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

ESPORTE FEMININO NO BRASIL: DESAFIOS E CONQUISTAS RUMO À EQUIDADE DE GÊNERO

Aline Sara Mendes dos Santos¹, Vinícius da Silva Marques².

¹Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre, Rua Belo Amorim, 100, Centro – 29500-000 – Alegre – ES, Brasil, alinemendesmendes316@gmail.com.

²Centro Universitário São Camilo, Rua São Camilo de Lellis, 01, Paraíso - 29304-91 – Cachoeiro de Itapemirim - ES, Brasil, vmmarques9@hotmail.

Resumo

O artigo examina a trajetória do esporte feminino no Brasil, evidenciando a longa história de exclusão das mulheres e sua luta pela equidade de gênero. Desde as restrições impostas pelo viés de feminilidade até os dias atuais, o texto percorre as diferentes fases, incluindo a primeira participação olímpica feminina e suas conquistas subsequentes. Ele destaca como as mulheres têm desafiado obstáculos, gradualmente transformando o cenário esportivo e usando o esporte como um meio político e de mudança social. A análise enfatiza a necessidade de visibilidade e reconhecimento das atletas, enquanto reflete sobre desafios persistentes e a importância de promover a igualdade de gênero no esporte brasileiro. Com base em estudos das estruturas patriarcais atuais, o artigo explora a história das mulheres no esporte.

Palavras-chave: Esporte feminino. Igualdade de gênero. Sociedade.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas.

Introdução

A história narra trajetórias de diversas pessoas que moldaram seus caminhos de vida. Porém, esses caminhos foram inegavelmente marcados por um grau variado de dificuldades e tempo, dependendo do grupo social ao qual pertenciam - raça, gênero e classe - e das lutas em busca de direitos e conquistas. Ao debruçarmos sobre a história das mulheres, notamos que a participação delas nas modalidades esportivas sempre foi severamente limitada ou, em muitos casos, completamente negada. Desde tempos remotos, elas foram confinadas a um espaço restrito, enquanto o terreno dominado pelo sexo masculino permanecia inacessível. Segundo Azevedo (1920)

A educação física para moças deve ser, pois, higiênica e estética, e nunca atlética, visar sobretudo o desenvolvimento da parte inferior do corpo, dar a graça e a destreza dos movimentos, procurando antes a leveza do que a força. [...] Os exercícios para a mulher (porque sua estrutura é mais fraca e delicada do que a do homem) devem ser menos enérgicos e ter menos duração. É contra-indicado todo e qualquer exercício que exija dispêndio muscular intenso e prolongado [...].

Essa restrição imposta às mulheres foi, em grande parte, fundamentada na ideia preconceituosa de que sua feminilidade ou sexualidade seria manchada caso ousassem alcançar o mesmo patamar dos homens no campo esportivo. Apesar das restrições e obstáculos impostos pelos discursos e leis machistas, algumas mulheres marcadas pela subestimação decidiram desafiar e ultrapassar as barreiras impostas. Elas contrariaram os argumentos falaciosos de supostos médicos que usavam diferenças biológicas para limitar o papel social da mulher (RUBIO; VELOSO, 2019). Nesse contexto, o esporte transcende sua dimensão física, tornando-se também um ato político, uma vez que envolve mente, cultura e sociedade.

Segundo Andrews e Jackson (2001), o esporte é uma metanarrativa frequentemente utilizada para justificar o espírito competitivo das pessoas, classificando-as como heróis e vilões. Para as mulheres que ousaram ingressar nesse universo, a segunda classificação sempre foi imposta como mais apropriada, especialmente quando se tratava de mulheres negras e pobres. De acordo com Bourdieu (1990), não podemos analisar um esporte isoladamente, mas sim compreendê-lo como parte de um

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

conjunto de práticas esportivas, levando em conta sua natureza peculiar, sua posição no panorama esportivo e sua relação com o corpo.

A história das mulheres no esporte é um reflexo dos desafios enfrentados pelas mulheres em geral ao longo dos séculos. Conhecer e reconhecer essa história é um passo importante para garantir que as futuras gerações possam trilhar caminhos mais justos e igualitários, onde a participação e o sucesso no esporte não sejam determinados por estereótipos de gênero, mas sim pelo talento e dedicação individuais.

Metodologia

A abordagem do método neste estudo será qualitativa com auxílio de dados quantitativos. A partir de uma revisão bibliográfica, examinamos estudos sobre a história das mulheres no esporte e os desafios da contemporaneidade, incluindo literatura sobre o sistema patriarcal, gênero e a história da mulher. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica de artigos sobre a história da mulher no esporte e os desafios da contemporaneidade.

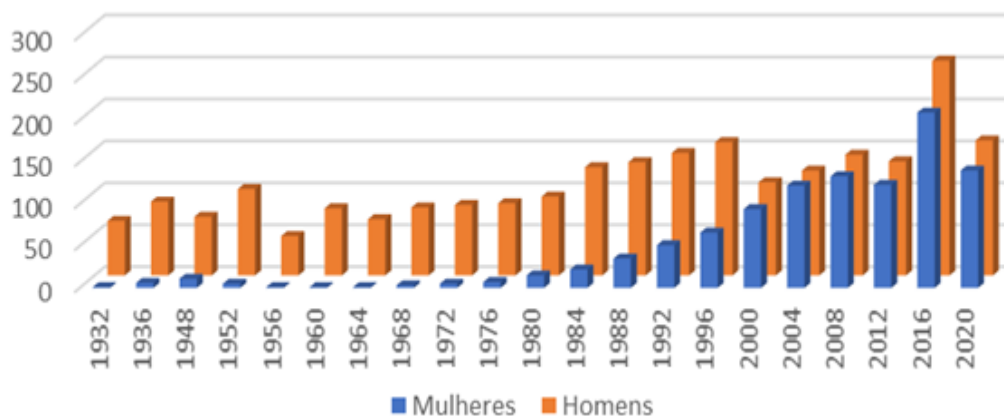
Resultados

O maior evento esportivo do mundo são as Olimpíadas, onde atletas de mais de 200 países participam em diferentes modalidades. Com origem na Grécia, era um festival religioso e atlético que acontecia na cidade de Olímpia em honra a Zeus, a última Olimpíada da Era Antiga foi realizada em 393 a.C., após a invasão dos romanos e a declaração do Cristianismo como religião oficial. A forma moderna como a conhecemos é atribuída ao francês Pierre de Coubertin, fundador do Comitê Olímpico Internacional (COLLI, 2004).

A primeira Olimpíada Moderna aconteceu em 1896, em Atenas, com a participação de 14 países e 241 atletas, onde não havia nenhuma mulher, pois, a sua participação era proibida. Na edição seguinte, apesar da imposição, um grupo de cerca de 58 mulheres participaram, mas em modalidades onde não havia contato físico e eram consideradas esteticamente belos (DREVON, 2000).

O Brasil teve sua primeira participação em 1920, com participação de 21 atletas homens, a primeira mulher brasileira a participar de um evento olímpico, foi a nadadora paulista Maria Lenk com 17 anos (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008). Na figura abaixo, temos uma relação da quantidade de atletas mulheres e homens brasileiros nas Olimpíadas de Verão entre 1932 e 2020.

Figura 1 – Atletas mulheres e homens brasileiros nas Olimpíadas de Verão entre 1932 e 2020.



Fonte: Comitê Olímpico do Brasil (2023). Elaborado pelos autores.

Na sua 14ª edição, dentre as 11 mulheres brasileiras que foram para as Olimpíadas, temos Melânia Luz, a primeira negra brasileira a participar de uma Olimpíada, a atleta velocista se tornou personagem importante com este feito, pois haviam passados 60 anos da abolição da escravidão no Brasil (DE FARIAS, 2019).

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Em 1996, em Atlanta, as primeiras medalhas femininas foram conquistadas, ouro e prata no voleibol de praia, prata no basquetebol e bronze no voleibol. Neste ano também foram realizadas as primeiras competições de futebol olímpico feminino, onde as nossas atletas conquistaram o quarto lugar (NETO, 2023).

Após essa edição, as mulheres brasileiras, começaram ter participação ativa nas Olimpíadas, e a ganhar mais medalhas, mesmo com todas as dificuldades. Em 2020, o Brasil teve o melhor desempenho ficando em 12º lugar no quadro geral de medalhas, onde as mulheres representavam 47% dos atletas brasileiros e conquistaram 62% das medalhas ganhas pelo Brasil, conforme a Tabela 1.

Tabela 1- Medalhas Olímpicas em 2020

Categoria	Ouro	Prata	Bronze
Feminino	3	4	6
Masculino	4	2	2

Fonte: Comitê Olímpico do Brasil (2023). Elaborado pelos autores.

O Brasil é amplamente reconhecido como o país do futebol. O futebol é extremamente popular e uma parte significativa da cultura brasileira, além de uma rica história no esporte, conquistando muitos títulos importantes e produzindo alguns dos jogadores mais talentosos e famosos do mundo. Ainda que as mulheres brasileiras tenham praticado o futebol já nos primórdios do século XX, é evidente que essa participação foi significativamente menor que a dos homens, inclusive porque os decretos oficiais da interdição a determinadas modalidades impossibilitaram, por exemplo, que os clubes esportivos investissem em políticas de inclusão das mulheres nos esportes (GOELLNER, 2005).

Em 1941, foi criada uma lei oficial que proibia a participação da mulher brasileira em esportes que seriam ditos incompatíveis com a sua natureza.

Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país (BRASIL, 1941).

Este decreto veio a ser revogado no fim da década de 70 e após 1980 surgem os primeiros times femininos, o Esporte Clube Radar e o Esporte Clube Saad, ênfase para o Radar que foi base para a seleção brasileira feminina em 1988 disputar um torneio experimental na China organizado pela FIFA, nesse primeiro embate internacional a seleção brasileira ficou com o terceiro lugar (CABRAL, GOELLNER, 2022).

Enfim a primeira Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino é realizada em 1991, o Brasil teve pouco tempo para se preparar e encerrou a competição em 9º lugar. Conforme já citado em 1996, houve a primeira participação em Olimpíadas e a primeira medalha em 1999 na segunda copa do mundo (SARDINHA, 2017). Na Tabela 2, temos as conquistas da seleção feminina em competições internacionais, vale destacar que existem outras competições como Jogos Pan-Americanos e Sul-Americanos.

Tabela 2 - Participação da seleção feminina nas principais competições internacionais no futebol

Competição	Ouro	Prata	Bronze
Copa do Mundo	0	1	1
Copa América	8	0	0
Olimpíadas	0	2	0

Fonte: Confederação Brasileira de Futebol (2023). Elaborado pelos autores.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

A nível internacional as competições eram regulamentadas e embora ainda houvesse preconceito, o futebol era jogado, mas no Brasil a situação ainda era precária, a primeira competição nacional oficial só viria a acontecer em 2007, a Copa do Brasil de Futebol Feminina, antes acontecia a Taça Brasil de Futebol Feminina, uma competição amadora que começou em 1983. Finalmente em 2013, a liga de futebol brasileira feminino é fundada, ou também chamada Brasileirão Feminino – Série A1 e atualmente contém três divisões, o que fortaleceu o aumento do número de times femininos é uma obrigatoriedade imposta a todos os clubes de futebol que disputam a liga principal nacional. Antes desta lei, ainda em 2019, apenas sete clubes tinham times femininos estruturados (ALVES, 2019).

Ao falar da história do futebol feminino, é impossível não citar a rainha do futebol, a jogadora Marta Vieira da Silva, eleita seis vezes a melhor jogadora de futebol do mundo, sendo cinco vezes consecutivas, além da Bola de Ouro em 2004 e 2007, infelizmente fez a sua última copa do mundo em 2023, mas inspirou e existem milhares de jogadoras que querem ser como ela.

Discussão

Uma análise histórica da trajetória esportiva feminina no Brasil evidencia o papel imposto às mulheres em um ambiente predominantemente masculino. As atletas enfrentam dificuldades como desigualdade estrutural, falta de representatividade política nas instituições esportivas e a desvalorização de suas conquistas e resultados. Essas evidências destacam como as estruturas patriarcais se perpetuam no âmbito esportivo, restringindo a participação e o reconhecimento das mulheres nesse contexto.

Quando focamos a história do futebol feminino no Brasil, identificamos que esta modalidade sempre encontrou grandes dificuldades. Durante o Estado Novo (governo Vargas de 1937 a 1945), as leis criadas, inclusive na área esportiva, estavam inseridas em um contexto de controle, com uma grande pressão para que as mulheres se afastassem do futebol. Elas deveriam limitar-se à prática de esportes que o governo considerava condizentes com suas funções de genitoras de prole. O Estado Novo criou o decreto 3.199 que proibia às mulheres a prática de esportes considerados incompatíveis com as condições femininas, sendo o futebol incluso entre outras modalidades esportivas como halterofilismo, beisebol e lutas de qualquer natureza. O Período Militar também inviabilizou a prática reconhecida do futebol pelas mulheres, sendo permitido apenas na década de 1980, pelo Conselho Nacional de Desporto. (MARTINS; MORAES, 2007)

Os resultados analisados ressaltam a necessidade de dar visibilidade às conquistas das mulheres por meio de suas próprias histórias. Uma das consequências práticas das pesquisas mencionadas é enfatizar as realizações das atletas e reconhecer que seu papel na sociedade é crucial para a construção de uma comunidade mais justa e igualitária. Esta discussão deve estar bem embasada e considerar os resultados do autor e artigos da literatura atuais.

Olhar para a história das mulheres atletas reforça o caráter de protagonismo por elas exercido, porém esquecido, em virtude dos projetos políticos de um esporte dominado pelos homens. Dar visibilidade aos feitos das mulheres por meio de suas próprias narrativas permite a visibilidade de uma jornada subdivulgada (RUBIO; VELOSO, 2019).

Estudos prévios trouxeram à luz a escassa representação feminina no universo esportivo promovida pela mídia e como esse processo contribui para conter o progresso no campo atlético. Contudo, novas investigações nesse domínio lançam perspectivas inovadoras capazes de enriquecer o entendimento atual, como o impacto do êxito esportivo feminino na sua representação e visibilidade.

Ao longo da história, os esportes foram predominantemente associados a atividades masculinas, perpetuando a crença de que a participação feminina nas práticas esportivas poderia comprometer sua feminilidade. A ascensão das mulheres no cenário atlético suscitou preocupações dentro das estruturas patriarcais e sistemas de controle, pois essa evolução carregava consigo o potencial de reconfigurar a divisão convencional dos privilégios patriarcais conforme o gênero. Essas estruturas

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

foram empregadas para restringir o acesso das mulheres às competições, aos recursos e às oportunidades no âmbito esportivo.

Assim, identificamos na história do esporte que a atividade esportiva, enquanto símbolo de um imaginário de força, poder e músculo, se enquadraria como atividade masculina, portanto a mulher deveria ser poupada deste possível processo de masculinização, ou seja, não deveria estar presente da mesma forma que o homem no mundo esportivo. Em decorrência deste conceito, notamos a pequena participação das mulheres e também de um tratamento pela mídia que não é o mesmo dado aos homens (MARTINS; MORAES, 2007).

A sistemática exclusão das mulheres acarreta consequências prejudiciais, privando-as dos benefícios físicos, mentais e sociais do esporte, enquanto simultaneamente perpetua a desigualdade de gênero. Ao longo de décadas, as mulheres têm desafiado e superado essas barreiras, demonstrando que a prática esportiva não enfraquece sua feminilidade, mas sim fortalece sua identidade e desenvolvimento pessoal. A luta contra a marginalização das mulheres no mundo esportivo é uma empreitada visando promover a igualdade, reconhecer escolhas individuais e demonstrar respeito por tais escolhas. As implicações concretas e conceituais das obras oferecem diretrizes para fomentar a equidade de gênero no contexto esportivo.

Martins e Moraes (2007) lançam luz sobre esse dilema ao questionar: "Em um país que prioriza os vencedores, será suficiente uma medalha olímpica carregada de emoção, desdém, negligência e esforço para forjar um discurso digno sobre a participação feminina no futebol?".

Em linhas gerais, os resultados da pesquisa delineados nas obras revisadas enfatizam a necessidade contínua de lutar pela representação equitativa das mulheres nos meios de comunicação e no cenário esportivo brasileiro. Para confrontar os estereótipos de gênero e criar um ambiente esportivo mais inclusivo e igualitário, torna-se crucial potencializar a visibilidade e a valorização do esporte feminino. Essas conclusões reforçam a urgência de manter o diálogo e combater as disparidades de gênero no esporte, incentivando a busca por soluções que promovam a equidade e o protagonismo feminino nesse domínio.

Os trabalhos revistos e os resultados levantados possuem uma relevância acadêmica substancial no corpus de literatura sobre o tema, trazendo reflexões fundamentais acerca da representação feminina no esporte e na mídia brasileira, realçando como o esporte pode atuar como um terreno para abordar questões de gênero e desafios sociais. Com base na análise e interpretação dos dados, o acesso equitativo a oportunidades e o empoderamento das mulheres no esporte emergem como pilares, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária no âmbito esportivo. Os resultados ressaltam a importância de manter o debate e enfrentar as disparidades de gênero no esporte, estimulando a busca por soluções que impulsionem a igualdade e o protagonismo feminino nesse contexto.

Conclusão

Dentre os principais resultados identificados, destaca-se que o cenário do esporte feminino no Brasil foi permeado por uma série de contradições e resistências, as quais refletiram as dinâmicas de gênero presentes na sociedade do país. A prática esportiva entre as mulheres foi frequentemente encarada como uma forma de empoderamento, participação social e exercício da cidadania, porém também foi associada a preconceitos, discriminação e estigmatização.

O estudo também evidenciou que o universo do esporte feminino no Brasil foi alvo de várias intervenções e disputas protagonizadas por diversos agentes sociais, incluindo o Estado, os meios de comunicação, as entidades esportivas e as próprias atletas. Esses atores se empenharam em definir o significado e a relevância do esporte feminino para a cultura e a identidade nacional, ora ressaltando-o como um ícone de progresso, modernidade e bem-estar, ora subestimando-o como uma possível ameaça à ordem estabelecida, à tradição e aos padrões morais.

Assim, a pesquisa conclui que o contexto do esporte feminino no Brasil se configura como um tópico de análise significativo e multifacetado, proporcionando *insights* profundos sobre as dinâmicas e evoluções das relações de gênero na sociedade brasileira, abrangendo suas distintas dimensões.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Referências

ANDREWS, David L.; JACKSON, Steven J. (Ed.). **Sport stars: The cultural politics of sporting celebrity**. Routledge, 2002.

ALVES, Camila. Montar time feminino é exigência para equipes da Série A 2019; veja situação dos clubes. **Globo Esporte**, Recife, 04, janeiro, 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/montar-time-feminino-e-exigencia-para-equipes-da-serie-a-2019-veja-situacao-dos-clubes.ghtml>. Acesso em: 24 jul. 2023.

AZEVEDO, Fernando. Para as mulheres. Sports, São Paulo, janeiro 1920

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia dos esportes. In: **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990

BRASIL. Decreto nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Do Conselho Nacional de Desportos e dos Conselhos Regionais de Desportos: DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS. Brasília, 14 abr. 1941. Disponível em: planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 24 jul. 2023.

CABRAL, Juliana; GOELLNER, Silvana Vilodre. As pioneiras pedem passagem: Memórias do Torneio Experimental da China (1988). **Ludopédio**, São Paulo, v. 154, n. 17, 2022.

COLLI, Eduardo. Universo olímpico: uma enciclopédia das Olimpíadas. **Conex**, 2004.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Brasil nos Jogos Olímpicos**. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/brasil-nos-jogos/participacoes>. Acesso em: 29 jul. 2023.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Futebol Feminino**. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino>. Acesso em: 29 jul. 202

DE FARIAS, Cláudia Maria. Entre diferenças e desigualdades: o protagonismo das primeiras atletas olímpicas negras do Brasil. *Revista Canoa do Tempo*, v. 11, n. 2, p. 77-98, 2019.

DREVON, André. **Les jeux olympiques oubliés: Paris 1900**. FeniXX, 2000.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 1, p. 69-82, 2007.

NETO, Virgílio Franceschi. Os 25 anos da primeira seleção brasileira feminina de futebol em Jogos Olímpicos. Olympics. Disponível em: <https://olympics.com/pt/noticias/os-25-anos-da-primeira-selecao-brasileira-feminina-de-futebol-em-jogos-olimpicos>. Acesso em: 25 jul. 2023.

OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo; TUBINO, Manoel JG. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 16, n. 2, p. 125-133, 2008.

RUBIO, Katia; VELOSO, Rafael Campos. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, n. 122, p. 49-62, 2019.

SARDINHA, Esperança Machado. A estrutura do futebol feminino no Brasil. **HÓRUS**, v. 6, n. 1, p. 92-110, 2017.